

# O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Comunicados	50 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 17 de outubro de 1895

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso .....	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	16000 "

## RESUMO

Cartas acerca das espingardas de caça, por N. Gonçalves. — Associação dos Atiradores Civis Portuguezes. — Baptista de Sá. — Carreira de tiro. — Os perdigueiros e a milha, por Baptista de Sá. — O tiro contra os balões captivos. — Accidentes e precauções. — O tiro federal em Winterthur em 1895. — Um atavolazzo no Piemonte em 1826: uma caçada aos gallos do matto.

## EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o obsequio de mandarem satisfazer a importancia dos seus debitos, para que continuem recebendo regularmente o nosso jornal e para nos evitarem a cobrança pelo correio, que é demorada, e sobretudo bastante onerosa.

O pagamento pôde ser feito em vale do correio dirigido ao administrador, ou em estampilhas enviadas em carta registada.

## CARTAS

ÁGERCA DAS

## ESPINGARDAS DE CAÇA

VIII

MEU CARO AMIGO:

**M**OSTREI-TE na minha ultima carta que os gazes da polvora desenvolviam, na alma dos canos das espingardas, pressões bastante elevadas, para que em certos casos houvesse motivos de receio pela integridade das armas e pela segurança dos atiradores.

Supposta, porém a resistencia da machina sob todos os pontos de vista, restará estudar ainda a do atirador ao recuo, que não é possível supprimir, e que é um dos effeitos das pressões no momento do tiro.

Quando começa, porém, o recuo? Quaes os factores que o determinam, e portanto os meios de o reduzir a ponto de não contundir o hombro e pôr ás vezes em sério risco a cara do caçador?

Questões interessantes são estas, que em meu parecer vale a pena estudar um pouco detalhadamente.

\*\*\*

Quando começa o recuo?

No tempo dos auctores da *Espingarda Perfeyta* duas maneiras oppostas havia de resolver a questão; segundo uns, o recuo ou repuxo, como então se dizia, causado pelo movimento dos projecteis, não podia deixar de começar ao mesmo tempo que elle; segundo outros começaria apenas depois que os projecteis abandonassem o cano, porque, affirmavam os dois irmãos, «se o repuxo se experimentára antes de sahir a bala, pervertia os pontos, e não se acertavam os tiros.»

Pois, caso notavel! ainda ha poucos annos havia acerca do phenomeno a mesma divergencia de opiniões, e se apresentavam exactamente os mesmos argumentos, parecendo que certas experiencias, feitas por meio da photographia instantanea, cortavam definitivamente a questão a favor do modo de ver dos dois fabricantes de espingardas do seculo passado.

Actualmente, porém, semelhante modo de vêr seria inteiramente erroneo e anti scientifico. A espingarda, carga, buxas, etc., constituem um systema material, com o centro de gravidade em certa e determinada posição; a metamorphose chimica da polvora desenvolverá *forças interiores* a esse systema, e estas forças, podendo reduzir tudo a fragmentos, já-mais poderão segundo a theoria da mechanica, fazer variar a posição primitiva d'esse centro de gravidade. Sendo assim, uma vez que os projecteis se desloquem no sentido da bocca do cano, será forçoso que a arma recue, para que a posição do centro de gravidade do systema não varie.

Sómente, porque a arma pesa 3 kilogrammas, isto é, 100 vezes mais que o chumbo, enquanto este percorre um metro a arma não necessitará de retroceder, sensivelmente, mais de 1 centimetro.

Experiencias minuciosas e perfectas, effectuadas nas mais variadas condições de carregamento e com diversas armas, confirmaram plenamente este modo de vêr, e mostraram que o recuo segue exactamente as mesmas leis, quer se trate de uma simples espingarda atirando uma bala de algumas grammas, quer de um canhão de grosso calibre, atirando projecteis de muitas centenas de kilogrammas.

Em egualdade de todas as demais circumstancias a energia do recuo cresce de modo extremamente rapido com a velocidade que a polvora communicar aos chumbos, e em geral aos projecteis.

Como é, porém, que se calcula essa energia, que tão claramente se manifesta por uma violenta pancada sobre o hombro do atirador, se este se não fecha com a arma de modo convenienté? Por metade do producto da massa da arma pelo quadrado da velocidade do recuo.

A velocidade do recuo pôde medir-se directamente ou calcular-se em funcção do peso da carga do chumbo, do peso da carga da polvora, do peso da espingarda e finalmente, da velocidade inicial. (1)

(1) O leitor familiarisado com formulas calculará a velocidade do recuo por meio da expressão

$$v = (p + 1,5c) \frac{V}{P}$$

sendo: p o peso do chumbo e das buxas; c o da carga P o da espingarda, tudo em kilos; V a velocidade inicial em metros.

A força viva de recuo será dada por  $\frac{P}{2 \times 9,8} \times ve.$

Eis a série de valores achados pelo capitão Journée, a quem se deve o mais completo estudo experimental das armas de caça até hoje realisado:

Calibre	Peso da espingarda	Carga de		Velocidade inicial	Velocidade do recuo	Força viva do recuo
		polvora	chumbo			
8	5,9	9,4	60,0	360	4,75	6,78
10	4,0	7,5	46,2	»	5,44	6,03
12	3,250	6,0	38,8	»	5,00	5,20
16	3,050	4,8	30,0	»	4,69	3,42
20	2,40	4,0	23,9	»	4,80	2,82
24	2,20	3,4	20,1	»	4,43	2,20

Os numeros precedentes referem-se a cargas de polvora negra; as polvoras brancas dariam velocidades e energias de recuo ligeiramente inferiores, porquanto, para a mesma velocidade inicial, será menor a carga de polvora, e portanto a velocidade de recuo, segundo se vê da formula que te indiquei na precedente nota. Assim é que, em egualdade de todas as demais condições, uma arma de 16, que com a polvora negra dêsse 3,42 kilogrammas de força viva de recuo, daria, com 2,5 de polvora branca, apenas 2,85 kilogrammas. Naturalmente perguntarás para que serve o conhecimento da velocidade do recuo, pois é certo não ser com ella que tu podes contar para acertar o teu tiro; assim é, com effeito, e longe de te servir para acertar, servir-te-ha muitas vezes para errares a pontaria.

A verdade, porém, é que um atirador de força média e medianamente exercitado difficilmente supporta um recuo de 3,5 a 4 kilogrammetros, e que pouquissimos serão os caçadores capazes de supportar o recuo de 6 kilogrammetros, fóra da excitação de momento quando se visa uma peça de caça. Se a arma recua energeticamente, o atirador cede ao recuo, ainda antes d'elle effectuado, ou ajusta mal a espingarda, desarranjando em todos os casos a pontaria, e errando o tiro. Será, pois, necessario, quando se tem uma espingarda leve, não exaggerar o peso das cargas, ainda que haja confiança na resistencia do cano, ferrolhos, etc, sob pena de produzir um recuo insupportavel e em extremo pernicioso á justeza das pontarias.

\*\*\*

As considerações e dados precedentes permittem fazer vêr quanto são erroneas certas ideias emitidas por muitos atiradores em materia de recuo. Aquellas que mais importará combater são as seguintes:

1.<sup>a</sup> — Que as polvoras sem fumo não dão recuo. Erro: não ha polvora que não dê recuo, tanto maior quanto mais elevada fôr a velocidade inicial. As polvoras sem fumo são empregadas em cargas

menores do que as polvoras negras, e d'aqui uma certa diminuição, aliás pequena, da velocidade de recuo. Poder-se-ha calcular em  $\frac{1}{2}$  da energia de recuo de uma carga de pólvora negra a correspondente a uma carga equivalente de pólvora sem fumo.

2.<sup>a</sup> — Em egualdade de todas as demais circunstancias, a velocidade do recuo está na razão inversa do peso da espingarda; logo, não é exacto que armas do mesmo systema com as mesmas cargas dêem recuos muito differentes, como pretendem alguns caçadores.

3.<sup>a</sup> — Ha quem sustente que o augmento de *quêda* da coronha diminue o recuo; opinião insustentavel, porque a energia total, que, o hombro do atirador tem de annular, é a mesma, pelo menos dentro dos limites praticos das *quêdas* das espingardas. Variará ligeiramente a inclinação do recuo, assim como a força que tende a levantar a bocca da arma, e nada mais.

4.<sup>a</sup> — Não é exacto que o diametro da camara, a collocação do ouvido ou a altura das buxas exerçam influencia sobre o recuo.

5.<sup>a</sup> — Não é exacto que o recuo seja maior quando se atira junto dos muros ou no fundo dos valles.

Os atiradores noviços tomam frequentemente a nuvem por Juno e confundem a impressão physiologica do estampido com o recuo, tão grande é o receio de que estão possuidos ao fazer fogo.

\* \*

Taes foram, meu caro amigo, as ideias geraes, que julguei bastante curiosas para merecerem as tuas attenções.

Consegui fornecer te notas importantes acerca da theoria do tiro das espingardas de caça? Indiquei-te factos menos conhecidos, que de qualquer modo possam concorrer para alargar a esphera da instrucção especial dos caçadores, que em grande parte se contentam com o conhecimento empyrico da sua espingarda?

Em tal caso cumpri a tarefa que me havia imposto, e faço ponto n'estas cartas, que tanto pozeram á prova a tua paciencia e a dos leitores do *Tiro Civil* que tão bizarramente supportou a minha epistolographia.

N. Gonçalves.

## ASSOCIAÇÃO

DOS

## ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

EM sessão de 10 do corrente, a direcção, por proposta do sr. Anselmo de Souza, approvada por unanimidade, nomeou bibliothecario da Associação o socio sr. Antonio Joaquim Rodrigues.

É muito justa a escolha, pelas qualidades que distinguem aquelle cavalheiro.

Foram approvados socios da Associação os seguintes srs.:

Bernardo Rebelo dos Santos, João Fernandes, Gil Vasques da Cunha Portocarrero, Luiz Antonio Candido Martins, Antonio Ribeiro Seabra, João de Azevedo Pacheco, Manuel Antunes Ribeiro e Eduardo Rodrigues da Costa.

O sr. Portocarrero é um frequentador da *Carreira* desde que esta foi aberta ao tiro civil, e tem conquistado um dos

primeiros logares entre os atiradores civis pela justeza dos seus tiros.

O sr. Antunes Ribeiro, assiduo frequentador da *Carreira* é tambem um dos atiradores que melhores resultados tem tirado, formando na primeira fila como atirador distincto.

O sr. Ribeiro Seabra, opulento proprietario e dono da quinta da Princeza, junto á *Carreira*, vem por esta forma prestar o seu valioso concurso, para o desenvolvimento da educação do tiro nacional, o maior dos serviços que todos os verdadeiros portuguezes podem e devem prestar á sua patria.

O sr. Eduardo Rodrigues da Costa é um dos nossos melhores atiradores; obteve no ultimo concurso official o 2.<sup>o</sup> premio, tendo antes d'isso dado largas provas da sua aptidão como atirador.

Dos outros quatro cavalheiros, que não temos a honra de conhecer, nada podemos acrescentar ao que dizemos do sr. Seabra mas que por igual lhes é applicavel.

## BAPTISTA DE SÁ

ESTE nosso dedicado amigo, a quem *O Tiro Civil* conta os favores que lhe deve pelos numeros publicados, caçador amator de raça, foi victima d'um incidente, a que se pôde chamar, ossos do officio.

No dia 9 do corrente, caçando ás perdzes em companhia d'um amigo, em Fermelá, a 6 kilometros de Estarreja, o cão do seu companheiro travou-se em renhida lucta com o seu; o nosso amigo, para livrar o outro cão d'uma valente sova, agarrou o seu perdigueiro pela collieira para o suster; fazer isto e ser abocado na mão direita pelo outro cão, foi um instante; livre dos dentes do animal não sem custo, ficou bastante ferido.

Esperamos e fazemos votos pelo restabelecimento do nosso estimado amigo e collaborador, que, mesmo com a mão ferida, não deixou de honrar este numero com a sua collaboração.

## CARREIRA DE TIRO

No domingo, 13 do corrente, dispararam-se 800 tiros com a arma de guerra.

Os alvos estavam dispostos pela seguinte forma: n.<sup>os</sup> 1 e 2, normal, a 100m; n.<sup>os</sup> 3, 4 e 5, normal, de 200m a 400m; n.<sup>os</sup> 6, 7 e 8, figura de joelhos, a 200m.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, esteve representada por 27 socios, que fizeram 490 tiros com a arma de guerra.

A Associação dos Atiradores Civis Estrella, fez-se representar por 12 socios, que dispararam 130 tiros com a mesma arma.

Fez-se uma *poule* no alvo, figura de joelhos, a 200m, com séries de 5 tiros, que deu o seguinte resultado:

	Balas acertadas
José Mendes Gouveia .....	5
João Consiglieri Pedroso .....	5
Prospero Meyrelles .....	3
J. Ivens Ferraz .....	3
Agostinho M. de Sousa .....	2
Antonio Joaquim Rodrigues .....	2
M. Herrmann .....	1
Raul Carinhas .....	1
Waza de Andrade .....	1
Manuel J. Magalhães .....	1
Manuel Antunes Ribeiro .....	1

No desempate entre os dois primeiros atiradores, ganhou o sr. Pedroso, empregando 4 balas contra 3 do seu competidor.

No mesmo alvo fizeram-se mais as seguintes magnificas percentagens por atiradores da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes:

	Balas acertadas
José Mendes Gouveia .....	15 em 20
Prospero Meyrelles .....	22 » 30
Raul Carinhas .....	7 » 10
João Consiglieri Pedroso .....	17 » 30
Agostinho M. de Sousa .....	20 » 40

No proximo domingo, 20, começam a fazer serviço de instructores, na *Carreira*, um grupo de 4 socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, que para este fim tem estado a receber instrucção especial na Associação.

É de todo o ponto util, que os civis estejam aptos a desempenharem este serviço, que achamos muito bom, sobretudo nos dias de concursos. A organização d'este serviço, é mais uma prova da protecção dispensada ao elemento civil, pelo nosso distincto amigo e collaborador o sr. capitão Vergueiro, digno director da *Carreira* de tiro.

A Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, dá mais uma prova de quanto deseja instruir-se e do seu grande amor pelo progresso do tiro nacional.

## OS PERDIGUEIROS E A MILHÃ

A caça da codorniz entre nós, os caçadores do norte, faz-se primeiramente nos milhos e nas milhãs e por ultimo nas hervas e nos nabaes.

Quando se exerce n'estes e nas hervas menos cuidado precisa ter o caçador com os olhos de seus perdigueiros, por isso que, sendo pouca n'esse tempo a grainha da milhã, grande não será por certo, o mal que ella poderá fazer; mas quando se pratica na milhã propriamente dita ou no milho por esta bastamente adereçado, não deve o caçador esquecer-se, no campo como em casa, de cuidar dos olhos de seus cães.

Perdigueiros ha cujos olhos não recebem facilmente os grãos d'essa herva tão cubçada pelos caçadores de codornizes, mas tão flagelladora de seus auxiliares e deleitosos companheiros; outros, porém, menos protegidos pelas suas sobranceiras e capellas, admittem a sem lhe porem embaraços, com a mais liberal facilidade.

Mas não é só a milhã que incommoda seriamente os nossos cães de caça, produzindo-lhes dôres nos olhos e inflamando-lh'os, ás vezes grandemente; o pó da terra, da bandeira do milho e ainda outras substancias malfazejas, são para elles flagellos não menos importantes, que o caçador tem rigorosa obrigação de combater.

Para uma e outra coisa o remedio é prompto e facil e não custa sacrificios nem dinheiro; mais uma razão, portanto, para nunca se deixar d'applycar, em casa depois d'uma caçada, no campo quando fôr reclamado.

Não é necessaria grande perspicacia para descobrir que a semente da milhã entrou nos olhos dos cães; os proprios perdigueiros se encarregam de claramente o denunciar quando, desesperados, esfregam os olhos no solo e com as mãos, tentando assim desembaraçar-se d'esses corpos estranhos que, além de os martyrisarem, não os deixam procurar á vontade as codornizes.

No campo, dando o cão indicios da introducção da milhã nos olhos, deve o caçador, sem perda de tempo, antes que ella produza o mal, tirar-lh'a com um papel enrolado e molhado na ponta com agua ou saliva, e em seguida, para os aliviar de algum pó que tambem tenham, cerrar-lhes as palpebras por um minuto,

segurando-as com os dedos. Em casa devem-se examinar de novo os olhos dos perdigueiros e repetir a mesma operação caso seja necessario.

Que sempre se deve fazer para debilitar as inflamações que costumam sobrevir ás caçadas nas milhãs, é lavar os olhos dos animaes com agua tepida, simples ou de malvas, e enxugar-os em seguida com um panno. Isto não só previne ou cura as inflamações dos orgãos da vista, mas consola os pobres perdigueiros que bem dignos são dos nossos melhores carinhos, dos nossos melhores cuidados.

Porto — Outubro, 1895.

Baptista de Sá.

## O TIRO CONTRA OS BALÕES CAPTIVOS

O augmento de alcance das armas, que obriga muitas vezes a travar a luta a distancias consideraveis, e a adopção do tiro indirecto levaram á creação de observatorios elevados, transportaveis, d'onde se possam descobrir tropas, baterias e os trabalhos do adversario. D'aqui a introdução do *balão captivo* no material dos exercitos de todas as grandes potencias européas.

Uma vez de posse d'esta nova machina, procurou-se naturalmente utilisal-a mesmo na guerra de campanha, para observar a marchr das columnas do adversario, achar o lugar de reunião do grosso de suas tropas determinar a força e a composição approximadas d'estas.

Apenas o balão captivo tinha feito o seu apparecimento, pensou-se em destruir os areostatos inimigos; de todos os lados foram emprehendedos ensaios. Diversas folha militares, e entre ellas a *Revue Militaire de l'Etranger* e a *Revue d'Artillerie*, deram noticia, em seu tempo, das experiencias feitas fóra da França a este respeito e particularmente das de 1885 e 1887 na Allemanha, de 1891 da Russia e de 1894 na Austria.

A 10 de junho ultimo, no polygono de Steinfeld (a 60 kilometros de Vienna), fizeram-se novos ensaios aos quaes assistiram os officiaes da Escola de tiro, os de muitos regimentos de artilheria, assim como um certo numero de officiaes da mesma arma vindos de Vienna e das guarnições mais ou menos affastadas, até de Carcovia e de Przenujsl (Galicia). A convocação d'este pessoal testemunha a importancia que se ligava a estas experiencias.

Antes de indicar os resultados obtidos na sessão de 10 de junho, a *Revue Militaire de l'Etranger* resume do modo que se segue alguns dos precedentes ensaios.

Em 1885 e 1887, tiros a *shrapnels* foram dados nos polygonos Tegel e de Kammersdorf (Allemanha).

Um balão collocado a 1:400 metros das peças e a 400 metros de altitude, foi furado com alguns tiros e desceu rapidamente

Dois outros aerostatos, pairando á altura de 100 a 250 metros e a 5:000 metros de distancia da bateria, caíram, um depois de 10 tiros, outro depois de 26, tendo ambos uns vinte furos.

Em 1891, no polygono de Ust-Ijora (Russia) uma bateria de 4 peças de campanha fez fogo com granadas com balas, á distancia de 3:200 metros, contra um balão captivo de 640 metros cubicos que estava e 200 metros de altura. Um obser-

vador, collocado lateralmente a um kilometro, transmittia pelo telephone as correções a fazer.

O tempo estava sereno e claro e o aerostato fazia oscillações de 20 metros de amplitude proximamente.

A direcção foi regulada em 10 tiros e em seguida deram-se as salvas. Depois do 30.º tiro (5.ª salva) o balão começou a descer lentamente; tinha sido furado por 5 estilhaços e 25 balas.

O auctor d'um artigo publicado no jornal militar russo, o *Russkii Invalid*, concluiu d'esta experiencia que o tiro contra balão captivo não apresenta geralmente difficuldades sérias, quando se dispõe d um ponto de observação lateral. Calcula que o areostato não poderá estar no ar mais de um quarto de hora o maximo.

Em 1894, uma série de ensaios foi emprehendida na Austria e deu os resultados seguintes:

1.º — Tiro contra um balão a 400 metros de altura:

Ao fim de 16 tiros, o balão desceu lentamente. Tinha sido tocado 10 vezes.

2.º — O mesmo objectivo nas mesmas condições:

Ao fim de 20 tiros, como o balão não cahia, desceram-no com o auxilio de cabos. Tinha sido atravessado por 18 estilhaços.

3.º — Tiros ao mesmo balão concertado e elevado a 400 metros:

Ao fim de 40 tiros, o aerostato, tocado uma só vez, mas gravemente, desceu com grande velocidade.

4.º — Tiro a 3.000 metros contra um balão a 300 metros de altitude:

Depois de ter recebido 8 estilhaços, o balão conservava ainda a sua força ascensional.

5.º — Tiro a 3.750 metros contra um balão a 800 metros de altura:

O vento era bastante forte, o aerostato oscillava muito; ao 65.º tiro, cahiu com rapidez; o projectil tinha feito dois grandes rasgos.

Foi para continuar esta série de experiencias que se emprehenderam a 10 de junho ultimo, no polygono de Steinfeld, novas experiencias de que o jornal a *Reichswehr* dá conta no seu numero de 19 de junho.

O ponto de partida foi, d'esta vez, diferente. Nas experiencias precedentemente feitas, quer na Austria, quer em outra parte, haviam se occupado em determinar o numero de balas necessarias para fazer cair o aerostato, e em estudar a maneira como convinha dirigir o tiro contra o objectivo d'esta natureza; os officiaes austriacos parecem, por occasião das ultimas experiencias, haver-se collocado sob outro ponto de vista.

O balão não tem senão um inimigo: a artilheria. Convém, pois, procurar collocal-o, em parte ao menos, ao abrigo dos projecteis d'artilheria dirigidos contra elle: a *altitude*, a *distancia* e o *movimento* fornecem os meios.

(Continúa.)

## ACCIDENTES E PRECAUÇÕES

DEPOIS da Austria, é a Inglaterra que vem enriquecer o triste martyrologio que, em todas as estações de caça, ensanguenta algumas paginas; um dos seus *sportsmen* mais conhecidos, lord Beaumont, matou-se por conduzir a sua espingarda com a impericia ou estouvamento d'um rapaz de quinze annos. En-

contraram o seu corpo inanimado em cima d'uma barreira que saltava.

A cabeça, despedaçada pela carga que ia emballada, estava na parte superior do obstaculo que o nobre lord tinha querido transportar; a espingarda, descarregada, tinha-lhe cahido aos pés.

Este sinistro fim d'um caçador de 50 annos inspira á imprensa especial ingleza dolorosas e amargas reflexões.

A imprudencia com que geralmente se manejam as armas de caça, sempre perigosas apesar de não terem cães, as polvoras brisantes e a alta pressão, as cargas concentradas, serve de thema a vehementes e justas observações.

Dir-se-ia que o descuido do caçador augmentou com a falta de segurança da arma; as grandes batidas tornaram-se uma especie de campo de batalha, onde cada um arrisca a pelle, onde o caçador partilha com a caça o risco de vêr a epiderme transformada em crivo.

A arte de manejar uma arma sem perigo para si ou para outro é sobretudo uma questão de educação; todo o rapaz que tiver estado na escola de algum caçador serio, que tiver sido reprehendido asperamente, castigado até, cada vez que o cano da arma tiver sido encontrado em falsa direcção, tornar-se-ha depressa esse caçador prudente de quem todos queirão ser visinhos no dia da batida.

As precauções que tiver naturalmente no manejamento da arma fal o-hão distinguir depressa d'esses *nemrods* improvisados, que não sabem como hão de ter a espingarda no descanzo e que se tornam uma especie de perigo publico.

Ter a arma no descanzo! Se ha muitas maneiras de o fazer, não ha realmente senão uma boa. Muitos caminham com a espingarda debaixo do braço, com a fecharia negligentemente collocada sobre o pulso, e tudo faz suppor que lord Beaumont tinha assim a sua *hammerless* quando saltou a barreira onde encontrou a morte.

Esta maneira de trazer a arma, tão frequente, consagrada até por bons caçadores, não é recommendavel. A espingarda fica demasiadamente livre, demasiadamente abandonada a si propria; dado um choque na coronha, a arma balança, o cano levanta-se e se a mão não intervem a tempo, pôde pôr-se em contacto com a cabeça do caçador; se os gatilhos se embarçam então no fato, n'um ramo, o tiro parte, e a caça custa mais uma victima.

Trazer a espingarda debaixo do braço não é admissivel senão quando se não largam nunca os canos ou o delgado da coronha. E' complicado e incommodo; portanto adopte-se um methodo verdadeiramente seguro e recommendado por todas as auctoridades na materia: a espingarda sobre o hombro, com a fecharia para baixo e a mão segurando solidamente a parte superior da coronha. Quando se trata d'um deslocamento n'uma batida é a posição mais correcta e mais prudente.

Esta prudencia que, sobretudo na caça, é a mãe da segurança, o caçador novato nunca deverá corar de exaggerar-lhe as manifestações; nunca deverá hesitar, na passagem d'uma sébe, ou ao saltar um obstaculo, quando a espingarda não poder ser verticalmente passada de mão em mão, em tirar as duas cargas; é um acto de alta sensatez, que nada tem de ridiculo.

Poderá sem duvida objectar que milhares de caçadores tem atravessado o mesmo obstaculo sem se deter com esta

minucia de precauções e não morreram. De certo, mas deveria bastar na caça que um acto possa causar um unico accidente em cem mil casos, para ser reprovado por todos com a maior energia.

(De *La Chasse Illustrée*).

## O TIRO FEDERAL EM WINTERTHUR EM 1895

PARA que os nossos leitores façam uma idéa do extraordinario movimento por occasião do tiro federal na Suissa, vamos publicar algumas informações estatísticas da *Gazette des Carabiniers Suisses*, que se referem ao ultimo concurso de tiro em Winterthur.

Escreve o nosso esclarecido collega da republica helvetica:

«A comissão de viveres e liquidos tinha comprado pessoalmente os vinhos e a cerveja e entregára-os aos vendedores. Tinha calculado o consumo de 110.000 litros de vinho e 80.000 litros de cerveja.

59.500	litros de vinho tinto.
31.300	» » » branco.
14.000	» » » tinto fino.
5.800	» » » branco fino.
111.500	» » » vinho.
78.200	» » » cerveja.

Estes algarismos provam:

1.º que as previsões tinham sido feitas com conhecimento de causa por pessoas competentes;

2.º que o povo suíço não está ainda bastante amadurecido para escolher a agua como bebida nacional nos tiros federaes.

A festa attingiu proporções a que nunca se havia chegado até então e dão especial interesse aos seguintes algarismos que representam o consumo em viveres e liquidos; foram-nos fornecidos pelo sr. Hug-Altorfer.

**Líquidos:** 165.000 garrafas de vinho de pasto e sobremesa; 2.000 garrafas de Sasella; 3.000 garrafas Dezaley; 1.300 garrafas de Champagne; 5.000 garrafas diversas; 26.200 garrafas de gazosa e agua de Seltz; 91.800 litros de cerveja.

**Carnes:** 12.500 kilos de vitella; 10.700 kilos de vacca; 12.800 salchichas; 19.500 mioleras; 1.050 kilos de toucinho; 2.600 kilos de presunto; 246.000 doses de pão.

**Legumes, saladas, etc., etc.:** 21.400 pés de salada; 5.000 latas de cenouras; 4.300 kilos de feijões; 7.808 kilos de batatas; 2.000 couves; 1.000 pepinos; 1.000 litros de ervilhas verdes; 200 litros de cogumellos; 250 kilos de pepinos de conserva; 1.200 kilos de sal; 50 kilos de pimenta; 500 kilos de azeite; 600 kilos de vinagre de vinho; 1.200 kilos de farinha; 450 kilos de assucar; 1.700 kilos de doces; 4.400 litros de leite; 550 kilos de manteiga; 500 kilos de café; 2.500 kilos de queijo; 7.000 kilos de ovos.

Para servir o publico e a casa de pasto empregaram-se 440 pessoas.

Durante o tiro federal a *gare* de Winterthur teve o seguinte movimento:

Em 28 de julho	.....	26.878	passageiros
» 29 »	»	14.504	»
» 30 »	»	14.020	»
» 31 »	»	14.293	»
» 1 » agosto	.....	28.018	»
» 2 »	»	12.656	»
» 3 »	»	17.005	»
» 4 »	»	40.052	»
» 5 »	»	15.010	»
» 6 »	»	15.975	»
» 7 »	»	10.466	»
Total...	.....	208.877	»

Nenhum accidente perturbou a festa; as novas installações deram as melhores provas.»

## UM «TAVOLAZZO» NO PIEMONTE EM 1826

### Uma caçada aos gallos do matto

(Continuado do n.º 32)

NO emtanto, á vossa saude, pae Titano! para um dia sermos, não cumplices, mas bons camaradas, como convém a velhos soldados.

E o brigadeiro exgotou o seu copo, onde scintillava um l'cor do mais alegre aspecto.

A este tempo fez-se ouvir de novo o pio queixoso e monotono do môcho; mas mais fraco, e n'uma direcção inteiramente opposta áquella em que tinha soado as primeiras duas vezes.

— Pae Titano, tem muitas d'estas ruins aves nas suas montanhas? perguntou aquelle dos guardas que tinha intercedido por elle minutos antes.

— Pode dizer affoutamente que sim. E' uma verdadeira peste. Mato pelo menos 50 ou 60 todos os annos, e não se lhe nota differença. Ha noites que é de enurdecer.

— Annunciam o bom tempo não é verdade?

— Isso depende, respondeu o velho caçador com o seu modo chocarreiro, quando cantam na vespera d'um bonito dia, é o bom tempo que annunciam; mas quando cantam na noite que precede uma grande chuva, evidentemente predizem o mau tempo.

Não pude deixar de me rir d'esta resposta, que me fez lembrar os aforismos do velho Diniz.

O môcho cantou ainda uma ultima vez; mas mal o ouvimos.

Torquato, que não tinha deixado o seu lugar em frente do fogo, levantou-se lentamente, espreguiçou-se, e depois de dar um d'aquelles formidaveis bocejos de cão, que todos os caçadores conhecem, deixou-se cahir novamente como uma massa inerte, soltando um d'esses suspiros que tanto podem annunciar a fadiga como o aborrecimento.

Durante esta pequena scena o Marquez e eu tinhamos-nos conservado proximos da chaminé, e trocavamos de quando em quando algumas palavras em voz baixa.

Deram nove horas n'uma especie de cuco, que era o movel mais elegante da cabana de Titano.

Ao ouvir as os guardas deixaram a mesa, retomaram as carabinas que tinham encostado ás paredes quando entraram, apertaram a mão a Titano, desfilaram pela nossa frente saudando-nos respeitosa e, afinal sahiram, perdendo-se bem depressa na distancia a bulha dos seus passos.

Titano acompanhou-os até uma certa distancia e quando voltou, notei que deixara a porta da cabana aberta, apesar do vento que vinha de fóra ser um pouco fresco áquella hora.

— Por minha fé! escapaste de boa, meu velho! lhe disse o Marquez. Trata simplesmente de ser tão feliz para o futuro, o que não será facil, porque não terás de continuar a tratar com o velho Broula.

O caçador collocou o dedo sobre os labios indicando com o olhar a porta

aberta, querendo, sem duvida, fazer-nos comprehender que não seria impossivel que estivessem espiando.

— Pst! preferiu em seguida. Torquato levantou-se com uma vivacidade sobrenatural, e d'um só salto ficou aos pés de seu dono, nos olhos do qual fitou o seu olhar mais intelligente e direi mesmo mais apaixonado.

— Busca! disse-lhe o velho caçador em voz tão baixa que o som apenas chegou até mim, que me encontrava a tres passos d'elles.

Torquato lançou-se como uma flecha para fóra da cabana, o seu ardor era inacreditavel. Examinava esta pantomima com extrema curiosidade, e via que Stephano se divertia muito com o prazer que eu parecia tomar n'este exame, e com a idéa de que eu não comprehendia nada do que se passava.

O *épagneul* esteve ausente dez minutos proxivamente, esperavamos-o em profundo silencio. Pela minha parte interessava-me ao mais alto grau pelo que se estava passando.

O cão entrou pulando como quando sahira, depois saltou ao dono, ao qual se empinou, e tendo o velho inclinado a cabeça Torquato lambeu-lhe a face por duas ou tres vezes.

— Agora podemos rir! exclamou Titano.

E começou aos saltos exactamente como o *épagneul* fizera segundos antes; a sua agilidade tocava o prodigio, e o mais divertido de tudo é que o cão fazia tantas cabriolas como o dono.

— Partiram! partiram! repetiu Titano sem interromper os saltos... Ah! acreditará, excellentissimo, que teria mais difficuldade em escapar-me com Valenti do que em Broschi? Erro! Erro! *signor marchese*. Viu como ambos principiaram?

— Compreendi que tinhas conseguido levantar duvidas no seu espirito a respeito das tuas relações com os trapaceiros que fazem contrabando.

— O que! não viu senão isso, excellentissimo?

— Mais nada, juro-te.

— Excellentissimo, seria um mau guarda da alfandega.

— Não te digo o contrario.

— Mas ao menos ouviu o pio do môcho?

— Ovi.

— E lembra-se que dei, quasi no mesmo momento em que se ouviu esse pio pela primeira vez, um pontapé no meu pobre cão que estava estendido, como uma camurça morta, deante da chaminé.

— Pareça que me lembro effectivamente...

— Pois excellentissimo tudo isso estava combinado entre nós.

— O que, entre nós?

— Entre mim e o meu cão.

— Que diabo de historia estás tu a contar?

— E os guardas não perceberam nada; Valenti ainda menos do que os outros.

— Explica-te mais claramente.

— Não é difficil. O môcho era o bando de Gomberti, o contrabandista de Breiançon. Passou a dois minutos d'aqui enquanto os guardas bebiam o meu vinho e quando mandei Torquato ladrar á porta, era para lhes indicar que o caminho estava livre, attendendo a que os guardas estavam em minha casa.

(Continúa.)

Editor responsavel — MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal — Rua Ivens, 35 a 41